

LINGÜÍSTICA APLICADA: NOVAS DIMENSÕES E IDENTIDADES NO SÉCULO XXI

John Robert Schmitz¹

RESUMO

A Linguística Aplicada (LA) nos últimos quarenta anos tem conquistado espaço nas universidades e centros de pesquisa em várias partes do mundo. No decorrer do trabalho, refiro-me à institucionalização/departamentalização da disciplina, às identidades do campo, ao perigo da hegemonia da Língua Inglesa com relação à LA e também à problemática dos discursos de multidiscipinaridade, de interdiscipinaridade e de transdiscipinaridade nesta área de conhecimento. Quanto às tendências e identidades de LA no século XXI, destaco o crescimento da lingüística do corpus, da informática e a aprendizagem, da metodologia quantitativa e qualitativa e a lingüística aplicada crítica. Com base nos meus comentários, concluo que a LA, nos próximos anos desta época pós-moderna, vai contribuir não somente para o enriquecimento do conhecimento dentro de suas diferentes vertentes, mas também para outras disciplinas fora do âmbito da LA.

Palavras-chave: lingüística aplicada, interdiscipinaridade, lingüística educacional, aquisição, imperialismo.

ABSTRACT

Applied Linguistics (AL) in the last forty years has expanded its sphere of influence in universities and research centers in different parts of the world. In the course of this paper, I refer to the institutionalization/departamentalization of the discipline, to the various academic identities of the discipline, to the hegemony of the English language with respect to AL and to the problematic of the discourses of multidisciplinary, interdisciplinarity and transdisciplinarity in this field of knowledge. With regard to the

* Uma versão preliminar deste artigo foi apresentada como conferência plenária durante os trabalhos do 1º Colóquio de Estudos Lingüísticos realizados na Universidade Estadual Paulista (Campus de Assis, SP) nos dias 5-6 de outubro de 2004. Agradecemos os comentários feitos por parte dos que assistiram ao Colóquio e um agradecimento especial para a colega Helena Brito de Melo, que fez uma leitura crítica do trabalho. Assumo, todavia, toda a responsabilidade pelas considerações feitas.

¹ Professor do Departamento de Lingüística Aplicada da Universidade Estadual de Campinas. E-mail: john.schmitz@uol.com.br

tendencies and identities of AL in the 21st Century, I point to the growth of corpus linguistics, computer technology and learning, quantitative and qualitative methodology and critical applied linguistics. Based on my remarks, I conclude that, in the ensuing years of this post-modern period, AL will contribute not only to the growth of knowledge within its scope but also to disciplines outside the ambit of AL.

Keywords: applied linguistics, interdisciplinarity, educational linguistics, acquisition, imperialism.

À GUIA DE EXPLICAÇÃO

Divido este trabalho em cinco partes. Na primeira, apresento duas definições propostas para a área de Linguística Aplicada. Na segunda parte, refiro-me à existência de indicadores como dicionários e enciclopédias, entre outros elementos necessários para a construção e legitimação da disciplina em foco. Na terceira, faço comentários de ordem pessoal a respeito do campo chamado "Linguística Aplicada" ou "Linguística Educacional". Na quarta seção, dividida em duas partes, apresento, em primeiro lugar, os três momentos da história da Linguística Aplicada e, em segundo lugar, pomenorizo o surgimento da Linguística Aplicada no Brasil e no mundo. Dedico a quinta parte do trabalho às dimensões e possíveis identidades da disciplina nos próximos anos deste novo século.

1 QUE É A LINGÜÍSTICA APLICADA? ALGUMAS DEFINIÇÕES

(i) "No momento atual, a linguística aplicada é possivelmente caracterizada mais como a aplicação de várias áreas de pesquisa (por exemplo, a psicológica, a sociológica, a antropológica, a neurocognitiva), a problemas básicos relacionados à aquisição da linguagem, ao uso, à análise e ao planejamento linguístico, à avaliação e mensuração e a vários outros campos de atuação" (B. JACOBS e J. SCHUMANN. *Language acquisition and the neurosciences: toward a more integrated perspective. Applied Linguistics*. vol. 13: 282-303, n. 3, 1992)².

(ii) As diversas áreas da Linguística Aplicada (Applied Linguistics) têm desenvolvido ou estão desenvolvendo as suas próprias teorias e, assim, adquirem

² Tradução minha.

um aspecto descritivo e teórico como no caso da linguística abstrata. Além disso, elas estão intimamente envolvidas na elaboração de soluções para reais problemas do mundo. Desse modo, podemos falar de teoria e descrição no âmbito da linguística abstrata, ao passo que no complexo da linguística aplicada pode-se distinguir entre *teoria, descrição e aplicação*³ (ênfase dos autores).

2 AS FERRAMENTAS QUE LEGITIMAM UMA DISCIPLINA: dicionários, enciclopédias, congressos e seus anais, revistas e associações

Para ter uma idéia da natureza da disciplina Linguística Aplicada e assim identificar as dimensões e identidades da mesma, é importante arrolar os indicadores de sua própria disciplinarização. Quando uma determinada atividade acadêmica apresenta elementos específicos, pode-se dizer que ela é uma área autônoma. Essas especificidades são: (i) a existência de dicionários e enciclopédias, (ii) a organização de congressos, (iii) a elaboração de revistas, e (iv) o surgimento de associações. No Quadro 1, apresento exemplos dessas quatro atuações.

QUADRO 1: Indicadores da Disciplinarização da Linguística Aplicada:

Indicadores	Exemplos
Dicionários	<i>Longman Dictionary of Language Teaching and Applied Linguistics</i> Jack Richards, Richard Schmidt, Heidi Platt e Marcus Schmidt. London: Longman, 2003.
Enciclopédias	<i>The Encyclopedic Dictionary of Applied Linguistics: a Handbook for Language Teaching</i> . Keith Johnson and Helen Johnson. London: Blackwell Publishers, 1999. <i>The Oxford Handbook of Applied Linguistics</i> , Robert Kaplan, (Org.). New York: Oxford University Press, 2002. <i>Concise Encyclopedia of Educational Linguistics</i> , Bernard Spolsky (Org.). Oxford: Elsevier, 1999. <i>Handbook of Applied Linguistics</i> . Orgs. Allan Davies

³ *Introduction: the relation of theoretical and applied linguistic*. THOMIÉ e SHUY (Orgs.). New York: Plenum Press, 1987, p. xviii. (Minha tradução)

- e C. Elder. New York: Blackwell Publishers, 2003.
The Cambridge Encyclopedia of Language. David Crystal. Cambridge: C.U.P., 1995.
- Congressos/Associação Internacional de Linguística Aplicada (AILA)
 Anais: Congresso Brasileiro de Linguística Aplicada
 Revistas: *Revista Brasileira de Linguística Aplicada*
 Primeiro número em 2000.
- Language Learning: A Journal of Applied Linguistics* (1945-1992), (University of Michigan), *Language Learning: A Journal for Research in Language Studies*, (University of Michigan), 1992.
Trabalhos em Linguística Aplicada. Campinas, Unicamp.
- Annual Review of Applied Linguistics*.
 Center for Applied Linguistics, Washington, D.C., Fundado em 1959 com Charles Ferguson, Diretor.
 American Association for Applied Linguistics (AALL)
 British Association for Applied Linguistics (BAAL)
 Associação Brasileira de Linguística Aplicada (ALAB) e muitas outras.

Do Quadro 1 se pode depreender que a existência de dicionários, enciclopédias e revistas específicas de uma determinada atuação contribui para a “construção” da mesma. Observa-se no quadro acima que a disciplina acusa várias enciclopédias e uma delas, organizada por Spolsky, tem por título, *Concise Encyclopedia of Educational Linguistics*. O uso do termo “Linguística Educacional” mostra a preferência por parte de Spolsky pelo título “Educational Linguistics” em vez de Applied Linguistics (Spolsky foi um dos colaboradores do Departamento de Linguística Educacional da University of New México). Independentemente do nome que se adota, a disciplina de fato está voltada para os problemas educacionais como bilingüismo, ensino a distância, tecnologia, motivação e ansiedade e prática de ensino/aprendizagem. Outro fato que mostra certa insatisfação com o termo “Linguística Aplicada” é a mudança do subtítulo da revista *Language Learning: A Journal of Applied Linguistics* para *Language Learning: A Journal for Research in Language Studies*. A insatisfação com o título se deve, na minha interpretação, ao fato de que o termo “Applied Linguistics” sugere no contexto educacional norte-americano a metodologia de ensino de idiomas e a preparação de professores para o ensino secundário e, não, para a pesquisa sobre a aquisição e aprendizagem de língua

estrangeira e segunda. No que se refere ao indicador (iv) “associações”, é importante observar que o Center for Applied Linguistics (CAL, Washington, D.C., EUA), de utilidade pública, está voltado para a linguística aplicada e que o mesmo foi fundado quarenta e seis anos atrás (1959). Cabe observar que o CAL tem as seguintes funções: (i) promover e melhorar o ensino e aprendizagem de idiomas, (ii) identificar e resolver problemas relacionadas à língua (linguagem) e à cultura, (iii) servir como centro de recursos e de documentação a respeito de língua (linguagem) e cultura, (iv) levar a cabo pesquisas voltadas para língua (linguagem e cultura)⁴.

Retornando ao item “revistas” no Quadro 1, vale a pena tecer comentários sobre a *Annual Review of Applied Linguistics*, uma revista-livro que reúne artigos dedicados sempre a um tema específico. Um exame dos assuntos abordados exemplifica a variedade de tópicos estudados na área de Linguística Aplicada e mostra as dimensões e identidades da disciplina. No que segue, apresento os temas estudados em alguns dos números atrasados (Quadro 2) e o conteúdo específico (Quadro 3) de um dos números do *Annual Review*:

QUADRO 2: Alguns temas abordados numa seleção de números da *Annual Review of Applied Linguistics*

Vol.	Ano	Tema
7	1986	A Linguagem e as Profissões
8	1987	O Ensino Comunicativo de Línguas
13	1992	Temas no Ensino de L2
14	1993/1994	Planejamento Lingüístico e a Política de Línguas
15	1995	O Campo de Linguística Aplicada
16	1996	Tecnologia e a Linguagem
17	1997	Multilingüismo
18	1998	Fundamentos de Ensino de L2

Fonte: *Annual Review of Applied Linguistics*. New York: Cambridge University Press.

Um exame dos temas apresentados durante oito diferentes anos mostra as dimensões do campo. O número 7 examina a relação da linguagem com as profissões; o número 14 está voltado para a política e o planejamento de línguas; o número 16 para a relação da tecnologia com a linguagem; o número 17 focaliza

⁴ <http://www.cal.org>.

o tema multilinguismo no mundo. Daí se observam os vários enfoques ou multidisciplinaridade da disciplina.

O Quadro 3, a seguir, apresenta os tópicos tratados por parte dos autores que colaboraram na confecção do número 18 da *Annual Review*.

QUADRO 3: Conteúdo do Número 18 da *Annual Review of Applied Linguistics*

Annual Review of Applied Linguistics. New York: Cambridge University Press. Vol. 18. 1998. New York: Cambridge University Press

Tema: Fundamentos de Ensino de L2s

Conteúdos	Autor
- Perspectivas Teóricas a respeito das Quatro Habilidades	
Perspectivas Teóricas sobre a Compreensão Auditiva	Lynch
Perspectivas Teóricas sobre a Fala	Bygate
Perspectivas Teóricas sobre a Leitura	Hudson
Perspectivas Teóricas sobre a Escrita	Cumming
- O Ensino das Habilidades Lingüísticas	
O Ensino da Compreensão Auditiva	Mendelsohn
O Ensino da Fala	Burus
O Ensino da Leitura	Bamford and Day
O Ensino da Escrita	Raines
- A Avaliação das Habilidades Lingüísticas	
Avaliação da Compreensão Auditiva	Brindley
Avaliação da Fala	Turner
Avaliação da Leitura	Perkins
Avaliação da Escrita	Kroll
- Perspectivas Integradas sobre a Aprendizagem e Mensuração do Ensino	
Avaliação e Mensuração	
Tendências e Questões no Ensino Baseado em Contextos	Snow
Ensino Baseado em Tarefas	Skehan
Desenvolvimento Atualizado na Elaboração de Conteúdos	Burton
Curriculares: Uma Perspectiva Australiana	
Política e Considerações Sociais na Avaliação e	
Mensuração da Linguagem	McNamara
- Sumário	Wilkinson

Observa-se que o número 18 da *Annual Review* é dedicado à fundamentação teórica de ensino/aprendizagem de L2, justamente um dos enfoques principais da Lingüística Aplicada, mas quem conclui que a Lingüística Aplicada é limitada ao campo de L2 perpetua um estereótipo. Muito ao contrário, a Lingüística Aplicada abarca também outros temas como "planejamento e política de idiomas" e "multilinguismo" como se observa no Quadro 2. Importante lembrar que a Lingüística Aplicada, ao longo dos anos, tem focado também a pesquisa na área de Língua Materna, em particular, a área de tetramento, alfabetização, identidade e formação do professor. No tocante ao Quadro 3, é bom observar que a primeira unidade do volume 18 trata especificamente de perspectivas teóricas de compreensão auditiva, da fala, da leitura e da escrita. Isso desmente outro mal-entendido que a Lingüística Aplicada seja desprovida de teorização.

3 A LINGÜÍSTICA APLICADA: uma visão pessoal

a) Institucionalização / departamentalização: Letras? Educação? Ciências Sociais?

As disciplinas buscam a sua própria independência, "um teto todo seu" citando as palavras de Cavalcanti (1998, p. 208). No momento da fundação da Associação Brasileira de Lingüística Aplicada (ALAB), um colega questionou a necessidade de haver mais uma entidade voltada para os estudos da linguagem. A ABRALIN não seria suficiente? O surgimento de outra entidade não enfraqueceria os estudos lingüísticos no Brasil?⁵ O mesmo colega não percebeu que dentro da própria disciplina de Lingüística existem entidades específicas dedicadas ao estudo da Análise do Discurso e de Pragmática e existem também revistas especializadas que tratam desses campos. Alguns lingüistas se consideram "pragmatistas" ou "analistas do discurso". Em certas circunstâncias, membros de uma determinada disciplina procuram uma independência intelectual (e política, às vezes) no seu desejo de se associar a outros "terrenos", "campos" ou "áreas". A organização do conhecimento em compartimentos ou departamentos e qualquer alteração curricular são, sem dúvida, um ato político e sempre um palco tenso repleto de diferentes interesses.

Lamentavelmente, o desejo de uma autonomia por parte dos lingüistas

⁵ É muito salutar a colaboração das três entidades brasileiras ABRALIN, ALAB e ANPOLL que se manifestaram em conjunto contra o projeto de lei nº 1776/99, de autoria do Deputado Aldo Rebelo (PC do Brasil/SP). Cf. FARACO, Carlos Alberto (Org). *Estrangeirismos: guerras em torno da língua*. São Paulo:Parábola, 2001, p. 187-188.

aplicados foi interpretado como uma rejeição da Lingüística, que não foi o caso. As palavras de Brumfit (1980: 161) desmentem essa idéia: "A contribuição de grande importância da Lingüística, portanto, demonstrou a complexidade do processo linguageiro". A lingüística continua sendo a fonte principal, mas não exclusiva da lingüística aplicada. É importante enfatizar que a LA não é uma disciplina subserviente à Lingüística ou às análises advindas da referida disciplina. É importante não considerar a LA como uma disciplina parasítica, pois todos os campos "invadem" terrenos alheios e nenhum tema é propriedade particular. Balkin (1996) considera a interdisciplinaridade como uma tentativa de colonizar outras disciplinas. Certas atividades na disciplina de Lingüística Aplicada poderiam ser caracterizadas como Psicologia Aplicada. Sridhar (1990: 168) observa que há uma dificuldade de relacionamento entre a Lingüística e a Lingüística Aplicada devido ao modelo de Lingüística utilizado. O problema da lingüística formal para os lingüistas aplicados se deve ao fato de que o próprio modelo gerativo-transformacional tende a não ser pertinente, pois o referido modelo: (i) ignora "os parâmetros contextuais e comunicativos da linguagem" e (ii) apresenta um nível de teorização abstrata demasiada para ser verdadeira do ponto de vista psicológico. Mackey (1978:84), outro especialista no campo de ensino de línguas, argumenta que a disciplina Lingüística não goza de um "monopólio no estudo da linguagem", pois outros campos como a psicologia e a educação também contribuem. Mackey conclui que a teoria gerativo-transformacional, preocupada com uma análise formal da linguagem, deixa de lado os "contextos culturais e sociais nos quais as línguas vivem". Ele considera a referida teoria lingüística como uma "lingüística não contextual ou sem contexto". Flynn (1991), todavia, contra-argumenta dizendo que de fato a lingüística formal tem relevância para o ensino de língua. É importante evitar posições radicais nesse debate. Cook (1999) considera, todavia, a pesquisa no campo de Aquisição de Segunda Língua bastante pertinente ao ensino de línguas.

Onde a Lingüística Aplicada se localiza num possível organograma acadêmico? Muitos lingüistas e lingüistas aplicados prefeririam que as suas respectivas disciplinas fossem consideradas "ciências sociais" ou "ciências humanas". No contexto brasileiro, ambas - a Lingüística e a Lingüística Aplicada - são adscritas à área de Letras (Letras e Lingüística) e não ao campo de ciências sociais por parte do CNPq, CAPES ou FAPESP. Pennycook (1994b) cobra da Lingüística Aplicada mais contato com as ciências sociais e com a educação.

A Lingüística Aplicada, dependendo da instituição onde ela é inserida, tem diferentes enfoques. É informativo, diga-se de passagem, tomar conhecimento da variedade de atividades levadas a cabo na disciplina em diferentes partes do mundo. Refiro-me, à guisa de ilustração, a três diferentes exemplos de como a

disciplina é praticada em três diferentes centros: (i) a Universidade Estadual Lomonosov de Moscou, (ii) a Universidade Estadual de Iowa, EUA, (iii) a Universidade de Califórnia, Campus de Los Angeles e (iv) a Universidade Pompeu Fabra, Barcelona, Espanha.

(i) Na universidade Lomonosov, na Rússia, as matérias rotuladas de Lingüística Aplicada incluem uma olhada geral sobre métodos aplicados, tradução automática, processamento automático da fala e da escrita, lingüística computacional além de inteligência artificial e métodos quantitativos na pesquisa lingüística. De acordo com a descrição do programa de cursos, "muita atenção é dada à matemática e à programação" que, a meu ver, é uma interdisciplinaridade muito diferente de outros centros que analisei.

(ii) A Universidade Estadual de Iowa, nos Estados Unidos oferece um programa de estudos intitulado "Lingüística Aplicada e Tecnologia (AL&T)" que reúne as disciplinas tradicionais da Lingüística Aplicada com a Lingüística de Corpus e a utilização do computador no ensino e aprendizagem de línguas.

(iii) O programa interdepartamental de Lingüística Aplicada e TESL da Universidade Estadual de Califórnia (Los Angeles) apresenta três áreas diferentes: (a) aquisição da linguagem, (b) avaliação e mensuração ("Language Testing") e (c) Análise do Discurso. Nesse programa de pós-graduação, o ensino-aprendizagem de língua estrangeira não é considerado uma área de pesquisa em nível de doutoramento; a oferta de disciplinas nessa área é destinada aos indivíduos interessados exclusivamente em empregos em escolas do ensino fundamental ou em institutos de idiomas nos EUA ou no exterior. Um eventual mestrado é visto como sendo "terminal". Espera-se que a referida postura não "esconda" uma crença de que o ensino e aprendizagem de língua (materna, segunda ou estrangeira) não seja uma atividade que mereça pesquisa.

(iv) A Universidade Pompeu Fabra, no Instituto Universitário de Lingüística Aplicada (IULA), oferece cursos nos campos de engenharia lingüística, lingüística computacional, lexicologia, lexicografia, terminologia, variação lingüística, discursos especializados e gerais. Daí se vê que a Lingüística Aplicada em Barcelona não lida com a aprendizagem de línguas, formação de professores ou de ensino bilíngüe. A apresentação da descrição dos programas de quatro cursos universitários me leva a concluir que a natureza da disciplina é determinada institucionalmente e que existem de fato diferentes visões do que é a Lingüística Aplicada.

b) Lingüista aplicado ou lingüista? Lingüista aplicado e lingüista? Outras identidades?

Nenhum indivíduo tem uma única identidade. É possível nos identificarmos com um bairro, um clube de futebol e com pessoas que têm os mesmos interesses,

seja música, pintura ou cerâmica. No meu caso pessoal, acredito que, ao longo da carreira, me identifiquei com a Lingüística e também com a Lingüística Aplicada. A própria separação em departamentos tende a isolar pesquisadores que, em muitos casos, focalizam os mesmos fenômenos. Mas, esse é o preço pago pela independência acadêmica. Em vez da conjunção *ou*, que tende a excluir ("lingüista aplicado ou lingüista"), prefiro a conjunção *e* que inclui ("lingüista aplicado e lingüista"). Nem todos os que trabalham no campo dos estudos da linguagem estão cientes de que na história da Lingüística e da Lingüística Aplicada houve indivíduos que tiveram uma produção acadêmica nos dois campos. À guisa de ilustração, cito o trabalho de Bolinger e também de Ferguson (primeiro diretor do CAL, ver Quadro 1). Outro exemplo de um pesquisador que tem trabalhos nas duas áreas (ou até mais!) é Rajagopalan (2003). Kleiman (1998: 74) declara que ela se formou em nível de doutoramento na área de Lingüística, mas teve de "aprender a ser lingüista aplicada em serviço".

c) Lingüística aplicada e a hegemonia da Língua Inglesa: outras identidades

Uma das aporias da Lingüística Aplicada é o fato de que a disciplina está muito ligada ao domínio ou imperialismo da língua inglesa que ocupa o lugar de língua global ou língua franca. Para Y. Kachru, (1985), a LA está atrelada a modelos de aquisição e de aprendizagem desenvolvidos na Europa e na América do Norte. Cabe lembrar que existem diferentes "lingüísticas aplicadas". As Lingüísticas Aplicadas espanhola, francesa, alemã, italiana, grega e indiana, entre outras, ocupam cada ano mais espaço com a presença de diferentes produções: livros, revistas, congressos e associações. O problema ainda é que a maior parte das pesquisas se baseia na análise de fenômenos de aprendizagem a respeito da língua inglesa. É, todavia, muito salutar que esteja havendo uma produção de pesquisas cada vez maior voltada para a análise de aquisição e de aprendizagem de outros idiomas, em particular, o francês e o espanhol. Seria omissivo deixar de mencionar que existe uma bibliografia publicada em alemão na área de Lingüística Aplicada e Metodologia de Ensino de Línguas (KÖNIGS, 2003). Futuros pesquisadores devem estudar o alemão (e outros idiomas de interesse para a elaboração de uma política de idioma brasileira), pois nem sempre as obras são traduzidas devido à própria pressão mundial de publicar em inglês. O ensino exclusivo de um único idioma é erro de percurso, na minha opinião.

d) Multidisciplinaridade, interdisciplinaridade e transdisciplinaridade

A Lingüística Aplicada é, sem dúvida, marcada pela multidisciplinaridade, pois ela reúne uma gama de especialistas que lidam com uma pleora de atividades como se vê nos Quadros 1 e 2 acima apresentados. No meu entendimento, ser multidisciplinar é diferente de ser interdisciplinar. Na primeira, a disciplina Lingüística Aplicada simplesmente funciona como um amálgama de diversas áreas de conhecimento que funcionam como meras subdisciplinas sem nenhum intercâmbio entre as mesmas. Quando se trata de "interdisciplinaridade", existe um contato entre duas ou mais disciplinas e esse contato se reflete na(s) hipótese(s) formulada(s), na bibliografia utilizada e nas conclusões levantadas. Cabe observar que há especialistas (FISH, 1989) que acreditam que a interdisciplinaridade é difícil de ser realizada porque é necessário abrir mão dos pressupostos da própria disciplina e adotar os da outra disciplina. Quando se trata de uma postura transdisciplinar ou "cross disciplinary", deve existir muito mais de um mero contato entre duas ou mais disciplinas. Uma troca transdisciplinar pede que os pesquisadores nas diversas disciplinas no jogo discursivo vejam sua disciplina da ótica da outra. Para chegar a ser transdisciplinar, o contato ou intercâmbio precisa ser recíproco. Se, por exemplo, a psicanálise é levada para a aquisição de L2, do mesmo modo os princípios de L2 deveriam ser levados para a psicanálise. Não me parece ser interdisciplinar ou transdisciplinar quando uma determinada área é simplesmente utilizada para prestigiar outra. Coracini e Bertoldo (2003) rejeitam o ensino reflexivo, porque tal postura concebe um sujeito consciente. Roudinesco e Plon (1998:130) informam que o termo *consciência* não é parte do vocabulário da disciplina de psicanálise, mas a questão de consciência está presente em "todas as escolas de psicoterapia". Diria que não é procedente descartar o ensino reflexivo e o seu sujeito consciente com base no desinteresse da psicanálise pelas noções de "consciência" e "consciente".

e) A própria área de aquisição da linguagem e de língua estrangeira e segunda é uma das mais ricas da Lingüística Aplicada, repleta de debates e de questionamentos a respeito das hipóteses formuladas sobre a aquisição de uma L2. Entre as diferentes correntes na referida área, destaco a teoria sócio-cultural e a aquisição de L2 proposta por Lantolf e Pavlenko (1995).

4 O SURGIMENTO DA LINGÜÍSTICA APLICADA NO BRASIL E NO MUNDO

Altman (1996) tem estudado as idéias lingüísticas no Brasil e, em particular, a própria memória da lingüística nos estudos lingüísticos brasileiros. Seria valioso alinhavar, nos moldes de Altman, uma história da Lingüística Aplicada no Brasil, pois os anos passam depressa e existe sempre a possibilidade do esquecimento, por parte dos que pesquisam na área, de fatos e de eventos que marcam uma determinada área acadêmica. Uma das primeiras revistas (se não a primeira) no Brasil que tem por título *Estudos* foi publicada pelo Instituto Yáziği entre os anos 1961-1964, com o novo título de *Estudos Lingüísticos: Revista Brasileira de Lingüística Teórica e Aplicada*, tendo o corpo editorial constituído por Mattoso Câmara Jr., Gomes de Matos e Aryon Rodrigues.⁶ Um dos artigos na referida revista que norteou a pesquisa na área de Lingüística Aplicada é o de autoria de Aryon Rodrigues, intitulado "Tarefas da Lingüística Aplicada" (1966).

Com base no trabalho de Rodrigues, quero argumentar que a Lingüística Aplicada no contexto brasileiro surgiu da disciplina de Lingüística. Esta é também a realidade histórica em outras partes do mundo. Um artigo que exemplifica esse estado de coisas é o de Haas (1953) intitulado "The Application of Linguistics to Language Teaching" onde a Lingüística fornece subsídios e um embasamento para o ensino de línguas. O trabalho de autoria de Haas representa um momento básico na história da LA, pois é a disciplina de Lingüística que é aplicada.

Gregersen (1991), num relato sobre a relação entre a Lingüística e a LA no país de Dinamarca, informa que Rasmus Rask foi o primeiro lingüista dinamarquês a fazer uma distinção nítida entre a lingüística teórica e a aplicada. Para Rask, a lingüística teórica descobre e formula as regras nas quais a LA se baseia. A referida atividade, segundo o renomado lingüista dinamarquês, conduz a duas coisas úteis: dicionários e gramáticas. Gregersen afirma que a LA é mais antiga que a Lingüística. Segundo Gregersen, Rask atuava no seu país nos campos de reforma ortográfica e planejamento lingüístico, duas atividades "aplicadas" ou "práticas". Gregersen considera o trabalho de Jespersen como "aplicado", porque esse lingüista tinha interesse na fonética, na leitura, na gramática e também no ensino de línguas devido à publicação em 1904 de *How to teach a Foreign Language*, escrita originalmente em 1901 em dinamarquês.

Seria irresponsável deixar de notar a contribuição na LA de Henry Sweet (1845-1912), Daniel Jones (1881-1967), especificamente na área de fonologia e de Harold Palmer (1877-1947) no ensino de línguas (PENNYCOOK, 1994b).

⁶ Agradeço ao colega Geraldo Cintra pela informação.

4.1 Os três momentos da história da Lingüística Aplicada

(i) O período de Dependência

Existem, na minha análise dos acontecimentos, três momentos da LA. O primeiro pode ser designado o período de Dependência, pois a Lingüística figurava como a disciplina alimentadora principalmente em duas áreas específicas: aplicação da Lingüística ao ensino de línguas e tradução automática. A LA se inicia realmente no âmbito da Lingüística, a sua disciplina-mãe, e o período de dependência continua ao longo dos anos 60.

(ii) O período de Disciplinarização

O segundo período rotularia de Disciplinarização. Nesse período, que começa no início dos anos 70, a LA ganha uma independência intelectual e uma autonomia administrativa, "um teto próprio" (para lembrar Cavalcanti, 1998: 208). A disciplina ganha fundadores (Corder (1973), Strevens (1992), Fries (1945) e Lado (1964) que escrevem textos neste momento histórico vistos como "clássicos" ou canônicos. Nesse segundo momento, a noção de "aplicação da lingüística" (ou "linguistics applied") é questionada. Para Brumfit (1980), se a LA fosse concebida como a mera aplicação da lingüística, ela serviria simplesmente como um espelho para os lingüistas olharem. Segundo Widdowson (1980), a aplicação da lingüística ou "linguistics applied" é uma prática conformista porque os lingüistas determinam a análise. O que é inovador nesse momento histórico é o apelo, por parte de Widdowson (1980), da elaboração de uma teoria não-conformista no âmbito da LA, onde a referida disciplina pode desenvolver "seus próprios modelos de descrição". O que marca esse segundo período é a nomeação dos lingüistas aplicados (por parte dos próprios lingüistas aplicados) como intermediários entre a Lingüística e a Lingüística Aplicada.

Acredito que foi nesse segundo período que surgiu certo antagonismo teórico entre o lingüista e o lingüista aplicado. Os lingüistas interpretaram a disciplinarização e o desejo de autonomia por parte dos lingüistas aplicados como uma rejeição da Lingüística. Trata-se de um mal-entendido, pois várias abordagens ou correntes lingüísticas informaram, ao longo dos anos, a disciplina de LA. Apresento, no Quadro 4, algumas dessas fontes que nortearam diferentes trabalhos de natureza aplicada.

QUADRO 4: Algumas fontes da Linguística Aplicada

- A Gramática Tradicional
- A Linguística Histórico-Comparativa
- A Linguística Descritiva (Estrutural)
- A Linguística Gerativa
- A Linguística Sistemática/ Funcional
- A Pragmática
- A Semântica
- A Lexicologia e a Lexicografia
- A Linguística de Corpora
- A Análise do Discurso
- A Filosofia da Linguagem
- A Teoria dos Atos da Fala
- Os Métodos de Pesquisa
 - Quantitativo
 - Qualitativo
- A Estatística
- A Antropologia/Etnografia
- A Educação/ Pedagogia

(iii) O período de Abrangência

O terceiro período eu chamo de Abrangência, que começa paulatinamente nos anos 80, década em que a LA assume novas identidades e novas atuações, marcadas por uma crescente multidisciplinaridade e interdisciplinaridade. O que acompanha a multi- e interdisciplinaridade neste início de novo século é uma crise de identidade na área de LA, pois existe, por um lado, uma plethora de vozes de diferentes disciplinas que disputam espaço e, por outro, uma aproximação dos enfoques da Linguística e da LA.

Widdowson (2000b) insiste na necessidade de um interlocutor, isto é, um intermediário entre a Linguística e a Linguística Aplicada. Ele teme que o campo caia em mãos de indivíduos não competentes ou até de inescrupulosos se a Análise Crítica do Discurso for levada a sério e incorporada à LA. Widdowson considera a Linguística de Corpus outro exemplo da aplicação da linguística ou de “linguistics applied”. Com referência a esse debate sobre a aplicação da linguística, pergunto se toda instância de “linguistics applied” seria condenável neste momento histórico quando a disciplina de LA é devidamente consolidada em diferentes universidades do mundo?

5 CONCLUINDO: tendências e identidades da Linguística Aplicada no novo século

a) Linguística de Corpus:

A área de Linguística de Corpus é, sem dúvida, um campo muito promissor que vai dar bons frutos nos próximos anos deste novo século. Pioneiro no referido campo no Brasil é a contribuição de Sardinha (2004).

b) Informática e Aprendizagem: o processador de palavras e o computador

Existe por parte de todos os pesquisadores a necessidade de um letramento digital. Acredito que a informática vai contribuir muito para aprofundar o nosso conhecimento de como se adquire a linguagem e como se aprendem línguas. A existência da informática vai aumentar o trabalho do pesquisador, vai facilitar a elaboração de pesquisas, mas de nenhuma forma vai substituir o pesquisador e os pesquisados.

c) Diferentes métodos: quantitativo e qualitativo

Cabe observar que é muito salutar a presença de duas metodologias ou métodos de pesquisa existentes na área de Linguística Aplicada, o quantitativo, por um lado, e o qualitativo, por outro. Certos pesquisadores preferem trabalhar com o quantitativo ao passo que outros optam por lançar mão do método qualitativo. Ainda há outros que apóiam a utilização dos dois métodos na pesquisa. O trabalho de Hatch e Lazarton (2000) representa a dimensão quantitativa da Linguística Aplicada, ao passo que Davis (1995) e Toohy (1995) representam a orientação qualitativa no referido campo.

d) Linguística aplicada crítica: questionamento da Linguística Aplicada tradicional e suas raízes positivistas

Pennycook (1990, 1994a) propõe dentro da Linguística Aplicada um modelo de atuação chamado Linguística Aplicada Crítica, com a finalidade de contribuir para tornar a disciplina mais relevante para a sociedade em geral. O referido pesquisador pede um “accountability” para qualquer pesquisa no campo de LA, ora o método quantitativo, ora o método qualitativo. O trabalho de Pennycook e também o de Edge e Richards (1998) representam um espírito de questionamento e debate no âmbito da área. Muito procedente no trabalho de Pennycook (1994b) é a presença das idéias de Foucault.

Com base nas considerações feitas acima, argumento que a LA, em todas as suas dimensões e identidades, vai contribuir não somente para o enriquecimento do conhecimento em todos os seus diferentes enfoques dentro do próprio âmbito da LA, mas também para disciplinas fora da referida área nos próximos anos desta época pós-moderna.

REFERÊNCIAS

- ALTMAN, Maria Cristina F.S. Memórias da lingüística na lingüística brasileira. *Revista da ANPOLL*, n. 2, p. 173-189, 1996.
- BALKIN, Jack M. Interdisciplinary as Colonization. *53 Washington & Lee Law Review*. 949, 1996. Disponível em: <<http://www.yale.edu/lawweb/jbalkin/articles/inter01.htm>>.
- CAVALCANTI, Marilda C. AILA 1996 e um estado da arte em microcosmo da Lingüística Aplicada. In: SIGNORINI, Inês; CAVALCANTI, Marilda C. (Orgs.). *Lingüística aplicada e transdisciplinaridade*. Campinas: Mercado de Letras, 1998.
- BRUMFIT, Cristopher J. Being interdisciplinary-some problems facing applied linguistics. *Applied Linguistics*, vol. 1, n. 2: 158-164, 1980.
- CORACINI, Maria José; BERTOLDO, Ernesto S. (Orgs.). *O desejo da teoria e a contingência da prática*. Discursos sobre e na sala de aula (língua materna e língua estrangeira). Campinas: Mercado de Letras, 2003.
- COOK, Vivian. Using SLA research in language teaching: *International Journal of Applied Linguistics*. v. 9, n. 2, p. 267-284, 1999.
- CORDER, S. Pit. *Introducing applied linguistics*. Harmondsworth: Penguin, 1973.
- DAVIES, Alan. British applied linguistics: the contribution of S. Pit Corder. In: PHILLIPSON, Robert; KELLERMAN, Eric; SELINKER, Larry; SHARWOOD SMITH, Mike; SWAIN, Merril (Orgs.). *Foreign/second language pedagogy research*. Clevedon: Multilingual Matters Ltd., 1991.
- DAVIS, Kathryn A. Qualitative theory and methods in applied linguistics research. *TESOL Quarterly*, vol. 29, n. 3, p. 427-453, 1995.
- EDGE, Julian; RICHARDS, Keith. May I See your Warrant, Please?: Justifying outcomes in qualitative research. *Applied Linguistics*, v. 19, n. 3, p. 334-356, 1998.
- FLYNN, Suzanne. The relevance of linguistic theory for language pedagogy: Debunking the myths. In: ALATIS, James E. (Org.). *Linguistics and language pedagogy: the state of the art*. *Georgetown University Round Table on Languages and Linguistics* 1991, Washington, D.C: Georgetown University Press, 1991.
- FISH, Stanley. Being interdisciplinary is so very hard to do. *PMLA*, "Professions", 1989.
- FRIES, Charles. *Teaching and learning English as a foreign language*. Ann Arbor: MI: University of Michigan Press, 1945.
- GREGERSEN, Frans. Relationships between linguistics and applied linguistics: some Danish examples. In: PHILLIPSON, Robert; KELLERMAN, Eric; SELINKER, Larry; SHARWOOD SMITH, Michael; SWAIN, Merril (Orgs.). *Foreign/second language pedagogy research*. Clevedon: Multilingual Matters Ltd., 1991.
- HAAS, Mary A. The application of linguistics to language teaching, p. 803-817. In: KROEBER, A. L. (Org.). *Anthropology today: an encyclopedia inventory*. Chicago: University of Chicago Press, 1953.
- HATCH, Evelyn; LAZARATON, Anne. *The research manual: design and statistics for applied linguistics*. Boston: Heinle & Heinle Publishers, 2000.
- KACHRU, Yamuna. Applied Linguistics and Foreign Language Teaching: non-Western perspective. *Studies in the linguistic sciences*. v. 15, n. 1, p. 91-107, 1985.
- KAPLAN, Robert B.; GRABE, William. Applied linguistics and the Annual Review of Applied Linguistics. *Annual Review of Applied Linguistics*. 20, p. 3-17, 2000.
- KLEIMAN, Angela. O estatuto disciplinar da lingüística aplicada: o traçado para um percurso, um rumo para o debate. In: CAVALCANTI, Marilda C.; SIGNORINI, Inês (Orgs.). *Lingüística aplicada e transdisciplinaridade*, Campinas: Mercado de Letras, 1998.
- KÖNIGS, Frank G. Teaching and Learning Foreign Languages in Germany: a personal overview of developments in research. *Language Teaching*. n. 36, p. 235-251. Cambridge University Press, 2003.
- JACOBS, Bob; SCHUMANN, John. Language acquisition and the neurosciences: towards a more integrative perspective. *Applied Linguistics*, vol. 13, n. 3, p. 282-301, 1992.
- LADO, Robert. *Language teaching: a scientific approach*. New York: McGraw-Hill, 1964.
- LANTOLF, James; PAVLENKO, Anita. Sociocultural theory and second language acquisition, *Annual Review of Applied Linguistics*, n. 15, p. 101-134, New York: Cambridge University Press, 1995.
- LARSEN-FREEMAN, Diane. Second language acquisition and applied linguistics. *Annual Review of Applied Linguistics*. n. 20, p. 165-181, 2000.
- LAZARATON, Ann. Qualitative research in applied linguistics: a progress

- report. *TESOL Quarterly*, v. 29, n. 3, p. 455-472 (Autumn), 1995.
- MACKAY, William F. Divorcing language from life: non-contextual linguistics in language teaching. In: STREVENS, Peter (Org.). *Honour of A.S. Hornby*. Oxford: Oxford University Press, 1978.
- PENNYCOOK, Alastair. Towards a critical applied linguistics for the 1990s. *Issues in Applied Linguistics*. vol. 1, n. 1, 1990.
- PENNYCOOK, Alastair. Incommensurable discourses? *Applied Linguistics*. v. 15, n. 2, p. 115-137, 1994a.
- PENNYCOOK, Alastair. *The cultural politics of English as an international language*. London: Longman, 1994b.
- RAJAGOPALAN, Kanavilli. The philosophy of applied linguistics. In: DAVIES, Allan; ELDER, Catherine (Ogs.). *Handbook of applied linguistics*. New York: Blackwell Publisher, 2003, p. 397-420.
- RODRIGUES, Ayron. Tarefas de lingüística aplicada no Brasil. *Estudos Lingüísticos: Revista de Lingüística Teórica e Aplicada*. v. 1, n. 1, 1966.
- ROUDINESCO, Elizabeth; PLON, Michel. *Dicionário de psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
- SARDINHA, Tony Berber. *Lingüística de corpus*. São Paulo: Manole, 2004.
- STREVENS, Peter. History of the field. In: BRIGHT, William. (Org.). *International Journal of Linguistics*. New York: Oxford University Press, 1992.
- SRIDHAR, S. N. What are applied linguistics. *Studies in the Linguistic Sciences*. v. 20, n. 2, p. 165-176 (Fall), 1990.
- TOMIC, Olga M.; SHUY, Roger, W. *The relation of theoretical and applied linguistics*. New York: Plenum Press, 1987.
- TOOHEY, Kellen. Qualitative research and teacher education: from the ethnography of communication to critical ethnography. In: ESL Teacher Education. *TESOL Quarterly*, vol. 29, n. 3, p. 576-581 (Autumn), 1995.
- van LIER, Leo. Apply within, apply without? *International Journal of Applied Linguistics*. v. 7, n. 1, p. 95-105, 1997.
- WIDDOWSON, Henry G. Models and fictions. *Applied Linguistics*, v. 1, n. 2, p. 165-170, 1980.
- _____. On the limitations of linguistics applied. *Applied Linguistics*, v. 21, n. 1, p. 3-25, 2000.